

1

Relação drogas-trabalho na construção de carreiras desviantes

AGOSTINHO RODRIGUES SILVESTRE, CELINA MANITA

RESUMO

Pretende-se com este estudo aprofundar o conhecimento sobre uma área de investigação ainda pouco desenvolvida: as relações entre trabalho e drogas, mais precisamente, a forma como o trajecto laboral e o trajecto de consumo de drogas ilegais interagem no desenrolar da vida dos indivíduos.

Após síntese da revisão bibliográfica e definição do quadro teórico e conceptual desta investigação é apresentado o estudo empírico realizado. Adoptando uma perspectiva teórico-metodológica assente nos princípios do interaccionismo simbólico e na teoria do actor social, realizaram-se seis entrevistas qualitativas, em profundidade, a uma amostra teórica, de tipo selectivo, constituída por seis sujeitos, dois (um homem e uma mulher) de cada década de início de consumo de drogas (70,80 e 90). Para a análise das narrativas produzidas pelos sujeitos acerca dos seus trajectos laborais e de consumo de drogas ilegais, utilizámos a análise de conteúdo, mais precisamente a análise categorial por milha.

Foram identificadas duas formas principais de interacção entre as duas trajectórias: (1) as drogas no trajecto laboral e (2) o trabalho nos projectos das drogas.

Palavras-chave: Trabalho; Drogas; Trajectórias; Contingências de carreira; Estudo qualitativo.

RÉSUMÉ

On prétend grâce à cette étude approfondir la connaissance portant sur une aire de recherche encore peu développée: les relations entre le travail et les drogues, et plus précisément, la façon dont le parcours professionnel et le parcours de la consommation de drogues illégales interagissent dans le développement de la vie des individus.

Après synthèse de la révision bibliographique et définition du cadre théorique et conceptuel de cette recherche, on présente l'étude empirique réalisée. En adoptant une perspective théorique-méthodologique fondée sur les principes de l'interactionnisme symbolique et de la théorie de l'acteur social, six entretiens qualitatifs ont été réalisés, en profondeur, portant sur un échantillon théorique, du type sélectif, constitué de six sujets, deux (un homme et une femme) de chaque décennie du début de la consommation de drogues (années 70,80 et 90) Pour l'analyse des narrations faites par les sujets à propos de leurs parcours professionnels et de la consommation de drogues illégales, nous utilisons l'analyse catégorielle par mille.

Deux sortes principales d'interaction entre les deux parcours ont été identifiées: (1) les drogues sur le parcours professionnel et (2) le travail sur les projets des drogues.

Mots-clé: Travail ; Drogues; Trajectoires ; Contingences de la carrière ; Étude qualitative.

ABSTRACT

The purpose of this study is to deepen our understanding of an area of research which has so far been subject to little development: the relationship between work and drugs, more specifically the interaction between the working career and the consumption of illegal drugs, over the course of an individual's life.

After summarising the bibliographic review and defining the theoretical and conceptual framework for this investigation, a presentation is given of the empirical study carried out. By using a theoretical-methodological perspective, based on the principles of symbolic interaction and the theory of the social agent, six qualitative interviews were carried out, in depth, on a selective, theoretic sample group made up of six members, two (one man and one woman) for each decade in which drug consumption began. (70s, 80s and 90s). In order to analyse the narrative produced by the subjects, regarding their work and consumption of illegal drugs, we used categorical analysis as a milestone.

Two main forms of interaction were identified between the different paths: (1) drugs in the working career (2) work in the drug projects.

Key Words: Work; Drugs; Trajectories; Contingence of career; Qualitative study.

1 – INTRODUÇÃO

Este artigo aborda as relações entre o trabalho e o consumo de drogas, a partir dos dados de um projecto de investigação desenvolvido pelos autores¹ com o objectivo fundamental de estudar as interações entre trajectórias laborais e trajectórias de consumo de drogas ilegais.

Embora este tema não tenha suscitado, pelo menos até ao momento, particular interesse por parte dos especialistas, quer da área das drogas quer da área do trabalho, diremos, por agora, que entre o trabalho e as drogas é possível descortinar várias e complexas relações. A história geral das drogas, desde logo, revela-nos algumas.

Revela-nos, por exemplo, que é com a emergência e desenvolvimento da revolução industrial que ocorre no ocidente o primeiro período de grande expansão do uso de substâncias psicoactivas, não apenas de álcool, mas também de ópio e seus derivados. Esse período, que vários autores (Bachmann e Coppel, 1989; Escotado, 1996) designam por opiomania operária do século XIX, é frequentemente associado às profundas transformações dos modos de vida que essa nova forma de organização do trabalho implicou para a maioria da população.

Entretanto, nas primeiras décadas do século XX, não param de aumentar as preocupações dos poderes públicos e das organizações de natureza sindical e de defesa do trabalho com o consumo de drogas, considerado frequentemente como um flagelo. São produzidos nessa época diversos relatórios, como o da Organização Internacional do Trabalho, nos anos 30, que tendem a estabelecer uma relação directa entre o consumo de produtos psicotrópicos, as condições de trabalho e as situações de pauperismo em que vive um número significativo de trabalhadores da indústria nascente.

Notemos, por outro lado, que é justamente nesse período histórico que proliferam, quer ao nível de vários estados quer a nível internacional, as medidas de combate às drogas e ao seu consumo, de que a Convenção Internacional do Ópio pode servir-nos de exemplo. Aliás, embora os argumentos utilizados para justificar a crescente proibição e criminalização do consumo de produtos psicotrópicos sejam muito diversos e mutantes, com destaque, no entanto, para os

de carácter moral, o facto de se eleger o consumo de drogas como um problema está intimamente ligado à emergência das sociedades industriais (Macquet, 1994). Estas breves considerações sobre o fio de superfície da história das relações entre trabalho e drogas servem-nos, afinal, para situarmos a questão central do projecto de investigação que realizámos, a saber: como se relacionam hoje os dois fenómenos?

Para analisar esta questão, e à semelhança do que geralmente sucede neste tipo de processos, realizámos uma revisão bibliográfica sobre o trabalho e sobre as drogas. O que encontramos foi uma dispersão de temas relativos a cada um desses fenómenos e, sobretudo, não encontramos referências consistentes às relações entre eles. Nestas condições, tentámos identificar na vasta literatura científica disponível sobre estas duas áreas do saber os temas que, pela sua potencialidade heurística, melhor se ajustavam aos nossos objectivos

2 – APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Continuará, hoje em dia, o trabalho a desempenhar a função de grande orientador dos projectos e trajectos existenciais individuais e a constituir o atractor maior no processo de configuração dos modos de vida? É ainda o trabalho o princípio organizador das estruturas e dinâmicas sociais?

Uma análise à literatura científica sobre o trabalho permite afirmar que, pelo menos a partir dos anos 70 do último século e com o fim do período (1945-1975) frequentemente designado "os trinta gloriosos", o discurso teórico-científico sobre o trabalho está confrontado com a questão da sua centralidade ou, dito de outra forma, com o seu lugar na vida individual e colectiva.

Esse confronto é, de resto, e certamente por razões histórico-epistemológicas, particularmente evidenciado pelo pensamento sociológico actual, de onde emergem teses que constatarem e/ou anunciarem o fim do trabalho (Offe, 1992; Gorz, 1991; Meda, 1999) ou, nas palavras de Habermas (1990, p. 84) "O fim, historicamente previsível, da sociedade de trabalho" e outras que defendem a sua actualidade e o seu estatuto de valor central na sociedade pós-industrial (Schnapper, 1998; De Coster, 1994) ainda que se reconheçam as profundas

transformações e mesmo desconfigurações a que tem estado sujeito. (...) Mesmo se o trabalho está em crise, o seu lugar na construção do indivíduo, da justiça e da vida social, mantém-se essencial" (Dubet, 1999, p.19).

2.1 – O Trabalho na organização da experiência biográfica

As condições de realização do trabalho assalariado nas sociedades contemporâneas têm suscitado, nos últimos anos, um conjunto de dúvidas e interrogações acerca do seu valor subjectivo, da sua importância e significado no trajecto existencial do sujeito. Trata-se de saber se a diferenciação interna do trabalho, constatada empiricamente na multiplicação e estilhecimento das formas da sua realização, na sua rarefacção, e também na diminuição e descontinuidade nos tempos vitais, enfim, na implosão da sua racionalidade, não corrói e desagrega a ética do trabalho. Nestas condições, o trabalho não pode continuar a ser considerado o ponto federador ou elemento agenciador da existência pessoal ou o grande integrador da experiência biográfica e social. Pelas mesmas razões, o papel do trabalho e da actividade profissional nos processos de socialização e de construção das identidades pessoais e sociais deve ser relativizado.

De resto, este tipo de dúvidas aumenta e ganha maior consistência quando se toma em consideração a crescente desumanização do trabalho, no sentido em que os processos de racionalização técnica e organizacional cada vez mais dispensam (e até cada vez menos permitem) a manifestação das características e qualidades individuais, incluindo as de natureza moral da pessoa que o executa já que "(...) o «trabalho morto», «espírito coagulado» interpõem-se entre o trabalhador e o produto e impede que o trabalho possa ser vivido como poïësis, como acção soberana do homem sobre a matéria" (Gorz, 1991, p.73). Enfim, as dúvidas resultam também da constatação de que as sociedades ditas de capitalismo avançado sustentam no consumo a sua lógica de funcionamento e desenvolvimento, fazendo permanentes apelos ao consumo hedonista² pois, como afirma Touraine (1991, p. 31), nas sociedades industriais capitalistas "o trabalhador transforma-se em consumidor".

São, pois, vários os argumentos em favor da ideia de que já não é só no e pelo trabalho que o indivíduo moderno encontra os pontos de referência fundamentais para a construção e organização do seu modo de vida, ou, nas palavras de Offe (1992, p.41), "todas estas circunstâncias fazem com que não se apresente como muito provável que o trabalho, a eficácia e actividade económica tenham de jogar um papel central como norma de referência integradora da personalidade para efeitos de condução da vida".

2.2 – Contingências de carreira: O trabalho como contingência de carreira de uso de drogas

Qualquer carreira, convencional ou desviante, tem carácter temporário. Significa, portanto, que tem um início, um período de desenvolvimento e também um fim. Quer a sociologia do trabalho (onde surgiu o conceito de carreira) quer a sociologia da desviância (para onde foi importado) têm dedicado grandes esforços à construção de formulações teórico-conceptuais que ajudem a dar conta desse processo.

É este o caso, com efeito, do conceito de "contingência de carreira". Utilizado primeiro na sociologia do trabalho, para descrever e analisar o sucesso nos percursos profissionais, viria a ser aplicado por Becker ao estudo das carreiras desviantes, tendo sido por ele definido como "aqueles factores dos quais depende a mobilidade de uma posição à outra. As contingências de carreira incluem, tanto factos objectivos da estrutura social quanto mudanças nas perspectivas, motivações e desejos dos indivíduos" (Becker, 1997, p.72). Acrescenta que o conceito é útil para a compreensão das carreiras desviantes, não apenas porque permite identificar e descrever os factores em função dos quais se desenvolvem³, mas também aqueles que evitam ou impedem a passagem para estados mais avançados da carreira.

Na carreira de uso desviante das drogas é particularmente evidente e importante o papel das contingências. Foi, aliás, a partir da análise do comportamento dos fumadores de marijuana que Becker construiu o modelo sequencial (com várias contingências que intervêm em momentos diferentes do percurso) da desviância, pois

"ao explicar o caso da marijuana por um indivíduo (...) devemos lidar com uma sequência de passos, mudanças, no comportamento e nas perspectivas do indivíduo para compreender o fenómeno (Becker, 1997, p.71). É também isso que têm sublinhado vários estudos de carácter etnográfico das drogas.

Faupel, por exemplo, considera que o percurso dos consumidores de heroína é profundamente afectado por factores objectivos da estrutura social e refere que no seu estudo "surgiram duas contingências completamente distintas que são particularmente significativas na percepção da direcção do percurso" (Faupel, 1991, p.38). Uma dessas contingências é a disponibilidade de droga, definida como "todas as eventualidades que tornam possível a inserção de uma quantidade de droga no organismo de alguém" (op.cit., p.38). Os consumos, e mesmo os padrões de consumo, seriam fortemente condicionados pela disponibilidade de drogas, que pode ser alta ou baixa, dependendo do êxito das estratégias desenvolvidas pelos consumidores para tornar a heroína mais acessível, quer seja pelo acréscimo de rendimentos (recorrendo ao tráfico de drogas, por exemplo, ou fazendo "biscates", normalmente pagos à peça ou ao dia); quer seja por via da redução de custos (adquirindo o produto por grosso, p.ex.); quer seja, ainda, através da aprendizagem e refinamento das técnicas de uso.

A estrutura de vida que, para Faupel, "pode ser entendida como a representação do grau de estabilidade do estilo de vida de um indivíduo" (op.cit., p.44) é, para este autor, outra contingência de carreira de consumo de heroína. Assim, para além de alterações que podem ocorrer no estilo de vida específico dos consumidores – como, por exemplo, as mudanças verificadas no mercado das drogas, ou, tão-só, o desaparecimento de um dealer – são fundamentalmente as rupturas na estrutura mais geral e convencional de vida (de que são exemplos, a morte de um familiar próximo, a perda do emprego, situações de divórcio, etc.) que frequentemente têm consequências profundas "na natureza e extensão do consumo de heroína do sujeito" (op.cit., p.45).

De que modo, e em que medida, o trabalho, designadamente na forma como se encontra hoje organizado e

pelas contradições que evidencia, pode constituir, também ele, uma contingência de carreira do uso de drogas?

Quando olhada nesta perspectiva, a literatura científica sobre drogas refere-se frequentemente ao trabalho como contingência inicial. Dito de outra maneira, temas como a precariedade do trabalho; os baixos salários; as condições físicas de exercício profissional e as questões psicossociais associadas à situação de desemprego, entre outras, são frequentemente referidos como factores que favorecem o início de uma carreira de consumo de drogas.

Noutras investigações, a relação do trabalho com o consumo de drogas surge como uma relação mais dinâmica, podendo, por isso, o trabalho ser considerado uma contingência de desenvolvimento. Este tipo de relação pode ser ilustrado com o exemplo apresentado por Becker (1997, p.81): "embora os efeitos das drogas derivadas do ópio possam não prejudicar a capacidade de trabalho de uma pessoa, o facto de ser conhecida como dependente provavelmente levá-la-á a perder o emprego (...)". Na mesma linha, mas com resultados de sentido diferente, a investigação realizada na Catalunha pela equipa de Pallarez Gomez, sobre as trajetórias de vida de consumidores e ex-consumidores de heroína, conclui⁴ que "há uma parte importante da amostra que trabalhou sempre de forma estável, facto que reforçou a sua normalidade e dificultou a sua identificação com a forma de vida de Junkie" (Gomez, 1996, p.100). Por seu turno, Jaime Funés e Oriol Romani, na investigação que realizaram com ex - heroínómanos, constataram também que muitos dos consumidores de heroína, cujas histórias de vida analisaram, nunca deixaram de ter uma actividade laboral legal. Sublinham, no entanto, que determinados tipos de trabalho, pela sua natureza e condições objectivas de realização, funcionam "como favorecedores do desenvolvimento de relação com as drogas" (Funés e Romani, 1985, p.84).

Outras investigações ainda, contrariando a tese do senso comum, segundo o qual "eles drogaram-se porque não trabalham" evidenciam que o consumo de drogas pode jogar um papel de manutenção do emprego e do trabalho. É nesse sentido que apontam, por exemplo, os trabalhos de Ingold e Toussirt sobre o consumo de

cannabis em França, pois, segundo os autores (1998, p.49), "não é raro que os consumidores de *cannabis* consumam para trabalhar ou enquanto trabalham" e também o de Fernandes e Carvalho sobre os consumos problemáticos de drogas, no que designam por zona down e zona up, sendo que, nesta última os actores "consomem para poder trabalhar (a cocaína nos mundos artísticos, ...)" (2003, p.134).

Em resumo, a relação entre drogas e trabalho tem merecido algumas referências, ainda que dispersas e pouco aprofundadas, por parte do discurso científico das drogas. Essas referências reportam-se, na maioria das vezes, à fase inicial e ao período de desenvolvimento da carreira de consumo.

No nosso estudo procuramos aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre as relações entre trabalho e droga, sem determinar *à priori* nenhum sentido ou tipo de relação específica a estudar, na linha do pensamento definido pela grounded theory (Glaser e Strauss, 1967; Rennie, Phillips e Quartaro, 1988 ; Machado, 2000) e das mais recentes abordagens de análise de conteúdo.

3 – ASSIM FOI O MÉTODO

Adoptando uma perspectiva teórico-metodológica assente nos princípios do interaccionismo simbólico e da teoria do actor social, que se concretizou em metodologias de tipo qualitativo, realizamos um conjunto de seis entrevistas qualitativas em profundidade a uma amostra teórica de tipo selectivo, constituída por seis sujeitos, dois (um homem e uma mulher) de cada década de início de consumo de drogas (décadas de 70, 80 e 90). Para a condução das entrevistas foi elaborado especificamente para este estudo um guião de entrevista abarcando cinco temas gerais a abordar: (1) situação ou forma de vida actual; (2) percursos e relações familiares; (3) percurso escolar; (4) percurso profissional e (5) percurso de consumo de drogas. Pretendeu-se compreender em profundidade os fenómenos em análise, a partir da perspectiva do sujeito, encarado como "perito experiencial", com base nas associações factuais e conceptuais que cada sujeito estabelece no processo de construção de significados. Como refere Machado (2000, p.359), citando Fontana e

Frey: "a entrevista qualitativa denuncia as influências que sofreu dos métodos etnográficos, com o seu propósito de imersão na cultura dos participantes e de acesso ao modo como estes constroem significados".

Para a análise das narrativas produzidas pelos sujeitos acerca dos seus trajectos laborais e de consumo de drogas ilegais, recorremos a metodologias de análise de conteúdo.

A selecção dos participantes foi feita, em primeiro lugar, em função das informações que estes poderiam fornecer sobre o fenómeno em estudo. Para isso, recorreu-se a informantes privilegiados, com o objectivo de sinalizar indivíduos que tivessem percursos de consumo de drogas e de actividade profissional suficientemente densos e prolongados para que pudessem configurar o que nos manuais de metodologia qualitativa é frequentemente designado por "peritos experienciais", ou seja, "aqueles que possuem sobre o fenómeno um conhecimento particular e aprofundado e que podem maximizar a informação que pretendemos recolher" (Machado, 2000, p.35).

Efectivamente, nas abordagens qualitativas o conceito de amostra possui uma conotação e significado, digamos assim, radicalmente diferente do que lhe é conferido nas abordagens mais tradicionais. Se, nestas últimas, o critério de amostragem é definido pela sua representatividade externa relativamente a um universo, nas primeiras, o critério é o da sua significatividade interna por relação à dimensão da realidade que é objecto de estudo, ou, como refere Ruquoy (1995, p.103): "nesta óptica, os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu carácter exemplar".

Os sujeitos que constituíram a nossa amostra apresentavam, para o consumo de drogas, períodos situados entre os 7 e os 13 anos de duração dos consumos e, para o trajecto profissional, entre os 9 e os 23 anos de experiência laboral. Para além de apresentarem percursos relativamente longos quer de trabalho quer de consumo de drogas, cada um dos sujeitos apresentava ainda percursos diversificados. No que diz respeito ao trabalho, exceptuando um caso que relatou apenas dois períodos ou fases profissionais, todos os

outros referiram, pelo menos, cinco fases, sendo que um deles reportou dez. Embora em menor número (já que há períodos em que se repete a actividade) registasse, mesmo assim, uma considerável variedade de actividades profissionais desenvolvidas.

Quanto ao trajecto de consumo de drogas, embora as substâncias mais referidas fossem a *cannabis*, a heroína e a cocaína, foram referidos outros consumos, como o ópio, a morfina, os alucinogénios, os "drunfos" e a metadona. Saliente-se ainda que as substâncias mais constantes ao longo do percurso de consumo de todos os sujeitos eram a heroína e a cocaína.

O critério da densidade dos percursos foi conjugado com outras duas variáveis discriminatórias ou estratégicas: o género e a década de início de consumo.

No processo de análise de conteúdo e categorização, adoptamos um procedimento essencialmente indutivo, ou seja, as categorias não resultaram de qualquer grelha de conteúdos previamente existente, mas do que foi sugerido pelas entrevistas, isto é, foram construídas a partir dos dados (Maroy, 1995). Numa primeira fase deparamo-nos com 23 categorias. Analisado em pormenor o seu conteúdo semântico, verificamos que se repartiam por três grandes temas e que, dentro de cada tema, era possível e aconselhável fazer alguns reagrupamentos, em função da proximidade semântica dos seus conteúdos (Manita, 1998), desde que algumas dessas categorias iniciais incluíssem subcategorias.

Resultaram, no final, 13 categorias (e.g., Representações do Trabalho, Condições de trabalho, Percepção da dependência) enquadradas em três grandes temas categoriais: o trabalho, as drogas e a relação entre trabalho e drogas (Silvestre, 2004).

4. O QUE ELES DIZEM: DESCRIÇÃO ANALÍTICA DOS DISCURSOS

4.1 – Representações do trabalho

Sendo possível identificar, no conjunto dos sujeitos, as duas dimensões ou níveis referidos tradicionalmente como constitutivos das representações do trabalho, a dimensão expressiva e a dimensão instrumental, parece ser, no entanto, esta última a que predomina "*toda a gente precisa de trabalhar, toda a gente precisa*

de ganhar dinheiro"; "*e acima de tudo tem que se ganhar dinheiro*". Esta tendência desenha-se quando dizem o que é o trabalho e acentua-se quando avaliam a sua importância nas suas vidas e na dos outros: "*na minha vida, o trabalho foi muito importante, principalmente a nível económico. Eu nunca gostei de pedir nada a ninguém e o trabalho permite ter dinheiro*".

A predominância da dimensão instrumental, não é, no entanto, homogénea no seio do grupo, verificando-se descontinuidades várias, desde as diferenças quanto aos elementos de natureza instrumental que são mais valorizados pelos sujeitos (dinheiro, ocupação de tempo) passando pela questão da segurança do emprego - "*é um trabalho muito importante para mim, porque dá-me segurança*" -, até à sua diferenciação por género. Com efeito, são sobretudo as mulheres quem mais acentua a dimensão instrumental do trabalho. Uma delas (pertencendo ao grupo de início de consumo nos anos 70), quando lhe perguntámos porque trabalhava, respondeu "*porque depois, em compensação do trabalho, vem a remuneração. Ninguém trabalha de graça*". Uma outra (esta pertencente ao grupo dos anos 90), à mesma questão responde: "*é só mesmo com o trabalho, com o dinheiro do trabalho, é que consigo manter a minha independência*".

Por outro lado, é sobretudo nos sujeitos mais novos, com início de consumo nos anos 80 e 90, que a vertente instrumental do trabalho é claramente evidenciada: "*eu não dou qualquer valor ao trabalho. Trabalho porque é uma forma de ganhar dinheiro (...) toda a gente trabalha para conseguir ter bens materiais*".

O que estes dados sugerem é que, quanto a este aspecto, os sujeitos que participaram neste estudo não se afastam da tendência dominante para a crescente instrumentalização do trabalho.

4.2 – Representações sobre drogas e toxicodependências

Em termos genéricos, todos os nossos entrevistados avaliam de forma negativa as consequências do consumo de droga na sua vida "*se não fosse as drogas, eu acho que a minha vida seria diferente*". No entanto, apenas dois dos sujeitos, um homem e uma mulher,

fazem referência às dimensões ou esferas de vida em que as consequências do consumo de drogas são avaliadas negativamente: O homem, porque atribui ao consumo de drogas a interrupção do seu percurso escolar - *"se não fosse a droga eu teria continuado a estudar"* -; a mulher refere as implicações que o consumo de drogas teve na vida familiar, atribuindo-lhe explicitamente a morte do companheiro e pai do filho *"ele morreu por causa da droga (...)"*.

Todos os restantes entrevistados parecem revelar alguma dificuldade em identificar os domínios vitais que foram influenciados negativamente pelo consumo de drogas e, muito mais ainda, em descrever a forma como operou essa influência. Dois deles manifestaram, aliás, dúvidas quanto ao sentido dessa possível influência: *"eu acho que tudo teria sido muito diferente, não sei se para melhor se para pior (...)"*. O que estes dois entrevistados enfatizam e lamentam é o dinheiro que gastaram por causa da droga: *"o dinheiro que gastei nas drogas, podia ter aplicado noutras coisas"*.

Significativo para os objectivos deste estudo, é o facto de nenhum dos nossos entrevistados referir o trabalho e a trajectória profissional como um dos domínios ou esfera de vida em que o consumo de droga tenha tido influência negativa. Pelo contrário, duas mulheres que na altura da entrevista se encontravam a trabalhar, atribuem ao trajecto de consumo de drogas o facto de terem conseguido esse emprego: *"uma das coisas que me trouxe este emprego foi mesmo, não é comum dizer, mas é verdade, foi a toxicoddependência"*.

A posição dos indivíduos face às drogas, quando analisada em função da década de início de consumo, denuncia uma tendência evolutiva para alguma desdramatização e relativização do papel do consumo de drogas enquanto elemento central e predominante na estruturação e desenvolvimento do trajecto de vida. Sendo necessário, certamente, fazer estudos mais finos sobre esta questão, recorrendo a amostras mais amplas e a outras metodologias e a outra forma de triangulação de dados, essa tendência é, em alguma medida, corroborada pelos nossos dados quando se analisa a forma como os sujeitos conceptualizam e descrevem a toxicoddependência.

Assim, para os indivíduos que iniciam o consumo de drogas nos anos 70 e 80 a toxicoddependência, uma vez instalada, é algo de que é difícil sair e livrar-se totalmente, *"porque um toxicoddependente nunca se cura totalmente da droga"*. Diferentemente para os dois sujeitos que iniciam o consumo nos anos 90, embora façam várias referências ao poder da droga sobre as suas vidas, o que sublinham é o carácter episódico, transitório do estado de dependência de drogas: *"penso que é uma maneira de estar na vida, durante uma fase da vida"*.

4.3 – Consumir e trabalhar

Todos os nossos entrevistados referem ter tido, ao longo do seu percurso laboral, pelo menos uma experiência de trabalho, no decorrer do qual consumiram drogas ilegais. Na descrição que fazem dessa experiência, é possível identificar o significado que lhe atribuem no contexto do seu trajecto de consumo de drogas e, mais globalmente, por relação ao seu percurso de vida, assim como os procedimentos e estratégias que implementaram para manterem as duas práticas em simultâneo.

Se todos desenvolveram actividades laborais, convencionais, formais e regulares, sendo consumidores de drogas, diga-se, desde já, que são os homens que apresentam percursos de vida em que os dois fenómenos surgem mais frequentemente associados e com uma duração média mais elevada. Um deles, aliás, sempre trabalhou com drogas, isto é, já era consumidor regular quando iniciou a carreira laboral e assim se manteve nas várias e diversificadas actividades profissionais por que passou.

Vale a pena, por isso, escutarmos o que nos dizem estes três indivíduos acerca da forma como conseguiram conciliar as duas práticas e, sobretudo como interpretam e avaliam a influência desses períodos no desenrolar das suas vidas, particularmente no que se refere ao trajecto do consumo de drogas. Assim, o que qualquer um deles afirma é que é possível e até natural e normal trabalhar e consumir substâncias psicoactivas: *"eu acho que é possível trabalhar e consumir heroína ou outra droga qualquer. Eu conseguia conciliar as duas coisas, conseguia"*;

"eu posso muito bem consumir e trabalhar, porque se eu tiver aquela dose para consumir de manhã, depois, pronto, eu trabalho como qualquer um"; "eu consumia heroína e sempre cumpri com o meu trabalho".

Dois deles referem, a propósito, o exemplo dos indivíduos que estão em tratamento com drogas de substituição (por exemplo, a metadona) e que estão a trabalhar, para sublinharem, também, a diferença da atitude social face a esta e às outras drogas *"eu conheço muitos tipos que estão na metadona e que estão a trabalhar. Têm que ir tomar aquilo todos os dias. É uma droga, e os patrões sabem. Se fosse heroína, ai meus Deus, porque, não sei, as pessoas têm uma mentalidade diferente"*.

Quando nos falamos dos períodos em que consumiram e trabalharam, os nossos sujeitos descrevem demoradamente os procedimentos e estratégias que adoptaram para adaptar as necessidades de consumo às exigências e condições de trabalho, o que evidencia, além do mais, uma assinalável capacidade de organização e planeamento por parte destes indivíduos. É isso que sugere a seguinte afirmação: *"à noite arranjava o artigo para o dia seguinte. Comprava a dose para o outro dia, uma para de manhã, outra para a hora do almoço e uma para a tarde. Às vezes não conseguia, naqueles dias em que eu não conseguia, assim naqueles dias em que eu ia trabalhar sem, sem conseguir, sem consumir, já era mais difícil mas tinha que me aguentar à bronca"*.

A partir dos relatos dos sujeitos que entrevistamos, dos quais apresentamos alguns excertos, parece ser possível concluir que estes sujeitos, mesmo estando em estado de dependência das drogas, fazem a gestão dos consumos em função dos horários de trabalho e de outras condições laborais. Esse é, aliás, um aspecto particularmente valorizado por eles quando avaliam a importância do trabalho nas suas trajectórias de consumo de drogas. O que salientam, com efeito, é que quando consumiam e trabalhavam tinham maior controlo sobre as drogas, eram eles que as controlavam, e não se sentiam controlados por elas, embora gostassem delas. E esse controlo não era apenas nos períodos de trabalho, como refere um dos indivíduos *"a gente controla mais as drogas, porque a gente enquanto está a trabalhar, pá, se arranjar a dose para levar para o trabalho,*

prontos, leva aquela dose e aquela acaba e a gente depois só (como está a trabalhar) só tem possibilidades depois à noite de consumir", mas também nos consumos, para além, ou fora, do trabalho, como refere um outro: *"e então quando estava a trabalhar e a consumir tinha mesmo que controlar"*.

Ou seja, a propósito das drogas, estes nossos entrevistados parecem confirmar as teses que concebem o trabalho, além do mais, como instância de controlo dos desejos e das tensões existenciais individuais.

Notemos, para concluir, que as mulheres que participaram neste estudo revelam uma posição de algum modo diferente da manifestada pelos homens relativamente à possibilidade de conciliação entre o acto de trabalho e a prática do consumo. A maioria delas pensa mesmo que não é possível conciliar as duas práticas, seja por causa das drogas, seja pela atitude que adoptam relativamente a elas: *"há pessoas que eu conheci que conseguiam tomar drogas e trabalhar, manter alguns empregos. Mas ao fim de algum tempo de uma pessoa utilizar drogas, basta estar atento, é quase impossível trabalhar"*; *"eu cheguei mesmo a concluir para mim, eu separo completamente as coisas, uma coisa não tem nada a ver com a outra."*

4.4 – Disponibilidade financeira e consumo de drogas

Trabalhar, vimo-lo, às vezes é, além do mais, uma forma de controlar o consumo de drogas. Embora essa seja uma consequência do trabalho referida pelos nossos sujeitos, o que eles sublinham, no entanto, é que (tal como a maioria das pessoas) trabalham para ganhar dinheiro, em alguns casos aliás, somente com o objectivo de financiar o consumo, como nos diz uma das nossas entrevistadas *"foi num emprego que eu arranjei a vender cursos de informática. Foi uma forma de eu arranjar dinheiro para consumir"*.

Quando analisamos e nos falamos do seu percurso de consumo, quatro dos nossos seis entrevistados estabelecem explicitamente uma relação entre a disponibilidade financeira e o consumo de drogas. Essa relação é de sentido positivo, ou seja, variações na disponibilidade financeira implicam variações no mesmo sentido nos

padrões de consumo, designadamente; no que diz respeito à quantidade e à frequência do consumo quotidiano. Dito de outra forma, a quantidade e a frequência diária de consumo não depende apenas, nem principalmente, das necessidades (de natureza vária) criadas pelas substâncias, mas também do dinheiro disponível para consumir. Um dos nossos sujeitos afirma a este propósito: *"eu consumia heroína, três vezes, quatro por dia, no máximo. Nos dias em que não há graveto só uma ou duas vezes"*.

É neste contexto que surgem as referências ao trabalho, mais precisamente aos rendimentos obtidos pelo trabalho, como um dos factores que condicionam os percursos de consumo. Três dos sujeitos que participaram neste estudo atribuem, com efeito, ao aumento de disponibilidade financeira proporcionado pelo acréscimo de vencimento, a ocorrência de bifurcações importantes no seu percurso de consumo de drogas. Essas bifurcações foram, de resto, vividas e interpretadas pelos indivíduos como momentos ou fases de agravamento dos padrões de consumo: *"foi precisamente nessa altura em que eu me enterrei mesmo. Foi nessa altura porque ganhava bem"*.

Em síntese, enquanto espaço de ocupação, o trabalho pode constituir uma forma de controlo do consumo de drogas, como vimos no ponto anterior. Já o dinheiro que através dele se ganha, pode desregular o consumo.

5 – SÍNTESE INTEGRATIVA: ENTRE O TRABALHO E AS DROGAS, PROJECTOS E TRAJECTOS

Quando nos falamos de trabalho e de drogas e da interpretação e da avaliação que fazem destes dois fenómenos nos seus trajectos de vida, os nossos entrevistados deixam perceber duas formas, pelo menos, de interacção entre eles: (1) as drogas nos trajectos laborais e (2) o trabalho nos projectos das drogas.

Assim, no que se refere ao primeiro tipo de interacção, ou seja, a influência do consumo de drogas no trajecto laboral, refira-se que, essa influência é sentida e valorizada apenas nas fases mais avançadas do percurso de trabalho. Sublinhe-se, aliás, que a maioria dos sujeitos tinha já desenvolvido um percurso laboral relativamente longo e diversificado antes de consumir

regularmente drogas e muito antes ainda de se considerar delas dependentes. O que significa, além do mais, que o facto de trabalhar não evitou que os sujeitos se iniciassem e/ou agravassem o consumo de drogas. Mesmo sem drogas (ou, pelo menos, sem que os seus usos sejam considerados problemáticos) o percurso laboral dos indivíduos revela-se já, e desde a sua fase inicial, bastante irregular, com saídas e entradas frequentes no mercado de trabalho, e pouco consistentes, com sucessivas mudanças de actividade profissional ou laboral. Esta fraca sustentabilidade do emprego na carreira laboral dos sujeitos relaciona-se, desde logo, com o segmento do mercado de trabalho em que todos os sujeitos operam. Referimo-nos ao segmento secundário, caracterizado sobretudo pela precariedade, quer das condições materiais do exercício da actividade, quer do vínculo laboral.

De facto, é a essas condições de realização do trabalho, com destaque para a precarização do vínculo laboral, e não às características ou ao tipo de conduta dos indivíduos, que os sujeitos atribuem a grande mobilidade que caracteriza os seus percursos laborais. E, desde logo, os longos e numerosos períodos de não trabalho. Por outro lado, é nesses períodos de espera por um novo emprego que situam os principais momentos de ruptura e as principais bifurcações ocorridas, quer no trajecto laboral, quer no percurso de consumo de drogas. Do trabalho, porque o emprego seguinte é considerado pior do que o anterior (nomeadamente no que se refere ao tipo de vínculo laboral e das condições materiais de trabalho); das drogas, porque esses períodos tiveram como consequência o agravamento dos padrões de consumo. Note-se, contudo, que não é estabelecida uma relação directa e muito menos unívoca entre os períodos de não trabalho, ou simplesmente de desemprego, e o consumo de drogas. De facto, para além de nenhum dos sujeitos atribuir ao emprego ou à falta dele a iniciação do consumo de drogas, a crescente problematização da relação com drogas é genericamente atribuída à falta de ocupação, o que não significa apenas, nem fundamentalmente, falta de emprego.

De resto, é quando é vivida e experimentada como um estado de dependência que os nossos entrevistados

atribuem à relação com as drogas alguma influência no desenrolar do seu percurso laboral. Essa influência é, no entanto, diferentemente avaliada pelos nossos sujeitos. Se, para as mulheres, o estado de dependência de drogas, nomeadamente da heroína, é uma condição que quase impossibilita a continuidade do exercício de uma actividade profissional (não apenas pelos seus efeitos farmacológicos, mas também pelas formas específicas de organização do tempo que cada uma das práticas implica e exige); para os homens, o facto de terem experimentado períodos mais frequentes e prolongados de desemprego a partir da fase de instalação da dependência de drogas, é mais facilmente atribuído à forma como está organizado o trabalho e à reacção social face às drogas, do que a estas. Para eles, mais do que para elas, é possível e viável consumir drogas ilegais e manter um emprego convencional e regular.

Quer seja pelas drogas ou pela reacção social a elas, quer seja pelo trabalho, todos os indivíduos que participaram neste estudo, referem terem sentido dificuldades acrescidas na manutenção de um emprego a partir da vivência do estado de dependência, o que, em alguns casos, ocorreu apenas decorridos alguns anos de consumo problemático. É a propósito da percepção da dependência que emerge, aliás, uma outra forma de interacção entre trabalho e drogas.

Com efeito, às drogas nos trajectos laborais, sucede o trabalho nos projectos das drogas. Esta forma de interacção é, de resto, de dois tipos: (I) trabalha-se para manter a droga e (II) trabalha-se para acabar com a droga. A primeira evidencia-se através das múltiplas tentativas feitas pelos indivíduos para conseguirem uma ocupação ou um emprego (ainda que, se possível, precário e com condições, de algum modo, específicas de realização e, sobretudo, de remuneração, como o pagamento à semana ou ao dia, p.ex.) quando se encontram sem ele e experimentam um estado acentuado de dependência de drogas. Diga-se, entretanto, que essas tentativas são frequentemente bem sucedidas, o que revela que existe um mercado de trabalho para as drogas, ou, mais exactamente, adequado ao consumo de drogas, como provavelmente existirá (e valeria a pena fazer investigação sobre este tema) um mercado das drogas

adaptado ao trabalho, nomeadamente aos horários de trabalho.

Este tipo de interacção manifesta-se também pelo conjunto de procedimentos e estratégias que os indivíduos adoptam para manterem o emprego, com o objectivo de financiar e manter o consumo de drogas controlado, o que obriga, desde logo, à gestão planeada e integrada dos consumos. Enfim, trabalha-se para manter o consumo de drogas, também quando se fazem interrupções estratégicas dos consumos. De facto, alguns dos nossos sujeitos, fizeram interrupções no consumo para descansarem da droga, tendo utilizado o trabalho como estratégia e como forma de aguentar a "ressaca", preferindo "ressacar" a trabalhar a "ressacar" a frio, isolado em casa.

Para além de se trabalhar para manter as drogas, também se trabalha com o objectivo de interromper definitivamente o seu consumo. Algumas das actividades profissionais experimentadas ou retomadas ao longo dos percursos laborais dos nossos sujeitos denunciam essa intencionalidade. De acordo com os resultados do nosso estudo, tentar conseguir trabalho com o objectivo de abandonar as drogas, apenas ocorre depois de um longo e denso percurso de consumo. Por outro lado, e apesar de todos os sujeitos terem desenvolvido, pelo menos, uma actividade profissional com esse objectivo, apenas duas mulheres parecem tê-lo conseguido. De facto, na altura em que foi realizada a entrevista, essas mulheres encontravam-se a trabalhar há já alguns anos.

Em síntese, o trabalho e as drogas desdobram-se em múltiplos relacionamentos na vida dos indivíduos: às vezes adapta-se o consumo ao trabalho, consumindo nas horas vagas, p.ex. outras vezes adapta-se o trabalho ao consumo, fazendo incursões breves no mercado de trabalho quando outras fontes de financiamento do consumo falham ou quando é necessário descansar um pouco do consumo.

CONTACTOS:**AGOSTINHO RODRIGUES SILVESTRE**

Assistente Social. Mestre em Psicologia.
 Agencia de Desenvolvimento Integrado de Lordelo do Ouro (ADILO).
 R. Bernardino Machado, 80, 4150 PORTO
 agostinhosilvestre@sapo.pt
 226 187 106 | 916 829 001

CELINA MANITA

Professora Associada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
 R. Dr. Manuel Pereira da Silva
 Pólo Universitário da Asprela
 4200-392 PORTO
 celina@fpce.up.pt
 226 079 722

NOTAS:

1 – Referimo-nos ao trabalho de investigação realizado no âmbito da dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de mestre em Psicologia, na área de especialização em Psicologia do Comportamento Desviante – Toxicodependências, sob orientação da professora doutora Celina Manita. Para um maior aprofundamento da temática, consultar Silvestre, A.R. (2004). *Desvio com via dupla. Trabalho e drogas na construção de carreiras desviantes*. Porto: FPCEUP (tese de mestrado não publicada).

2 – O trabalho pode esperar, o consumo não. Tal parece ser o racional que organiza o discurso publicitário. Aliás, a publicidade, pelas suas mensagens implícitas e também explícitas assume cada vez mais a função de autêntico manifesto contra o trabalho.

3 – A etiquetagem (Labelling) do indivíduo que violou a regra constitui para Becker um factor decisivo, uma contingência essencial no desenvolvimento da carreira desviante, pois, para o autor "um dos passos mais cruciais no processo de construir um padrão estável de comportamento desviante é, provavelmente, a experiência de ser apanhado e publicamente rotulado como desviante" (Becker, op cit. p.78). Nessa perspectiva, "o desvio não é uma qualidade do acto que a pessoa comete, mas a consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um «transgressor». O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal" (op. cit., p. 60).

4 – A relação entre consumo de heroína e trabalho tem sido objecto de várias referências. Por exemplo, Alain Ehrenberg (1995, p.129) refere que "o doutor Marc Reisinger indica que teve numerosos contactos com populações de toxicómanos adultos que utilizam a heroína para se dopar e fazer face a uma vida profissional muito competitiva".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agra, C. (1998). *Entre droga e crime. Actores, espaços e trajectórias*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Arendt, A (1995). *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitário (7ª.Edição).
- Bachmann e Coppel (1989). *Le dragon domestique – Deux siècles de relations étranges entre l'Occident et la drogue*. Paris: Éditions Albin Michel.
- Becker, H. (1997). *Uma Teoria da Acção Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão Social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- De Coster, M & Pichault, F. (1994). *Traité de Sociologie du travail*. Bruxelles: De BeeK.
- Dubet, F. (1999). *Le travail et ses Sociologies. Sociologie du Travail*. Paris: Ed. Le Seuil (40 ans de Sociologie du Travail, Conférence Introductive, pp.1-24).
- Ehrenberg, A. (1995). *L'Individu Incertain*. Paris: Calmann-Lévy Escotado, A. (1996). *Historia elemental de las drogas*. Barcelona: Anagrama.
- Faupel, C. (1991). *Shooting Dope. Career Patterns of Hard-core Heroin Users*. University of Florida Press.
- Fernandes, L. & Carvalho, M. C. (2003). *Consumos Problemáticos de Drogas em Populações Ocultas*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Funes, J. & Romani, O. (1985). *Dejar la Heroína, Vivencias, Contenidos y Circunstancias de los Procesos de Recuperación*. Madrid: Cruz Roja Española.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter: New York.
- Gomes, J.P. (1996). *El Placer del Escorpion – Antropología de la Heroína y los Yonquis (1970-1990)*. Lleida: Editorial Milenio.
- Gorz, A. (1991). *Metamorphoses du Travail Quêtê du Sens – Critique de la raison economique*, Paris: Glileè.

Grell, P. & Wery, A. (1993). – *Heros Obscurs de la Précarite* – Paris: L'Harmattan.

Habermas, J. (1990). O discurso filosófico da modernidade. Lisboa : Dom Quixote.

Ingold, R. & Toussirt, M. (1998). *Le Cannabis en France*, Paris: Anthropos.

Machado, C. (2000). *Discursos do Medo, Imagens do Outro. Estudos sobre Insegurança Urbana na Cidade do Porto*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Macquet, C. (1994). *Toxicomanies: aliénation ou Styles de Vie*. Paris: L'Harmattan.

Manita, C. (1998). *Auto-Organização Psicológica e Transgressão. Análise Empírico-Crítica de duas Figuras do Comportamento Desviante: Criminosos e Consumidores de Drogas*. Porto: FPCEUP (tese de doutoramento não publicada).

Maroy, C. (1995). A análise qualitativa de entrevistas. In L.Albarello et al. *Prática e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (p.p. 11-154). Lisboa: Gradiva.

Meda, D. (1999). *O Trabalho: um valor em vias de extinção*, Lisboa: Fim de século.

Offe, C. (1992). *La sociedad del trabajo – Problemas Estructurales y perspectivas de futuro*, Madrid: Alianza Editorial.

Rennie, D; Phillips, J.R. & Quartaro, G.K. (1988). Grounded theory: A Promising Approach to Conceptualization in Psychology? *Canadian Psychology*, 29, 139-150.

Ruquoy, D. (1995). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello e al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp 85-116). Lisboa: Gradiva.

Schnapper, D. (1998). *Contra o Fim do Trabalho*. Lisboa: Terramar Editores.

Silvestre, A.R. (2004). *Desvio com via dupla. Trabalho e drogas na construção de carreiras desviantes*. Porto: FPCEUP (tese de mestrado não publicada).

Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Touraine, A. (1991). Au-delà d'une société du Travail et des Mouvements Sociaux? In *Sociologie et sociétés*, vol.XXIII, 2, Antonomme, pp.27-41.